

A ESCRITA ACADÊMICA COMO PROCESSO AVALIATIVO: O CASO DA UNEB CAMPUS VIII

Josaline Chaves da Costa ¹
Daniela Ribeiro de Sá ²

INTRODUÇÃO

Em 2020 nos deparamos com uma situação de pandemia do COVID 19, onde emergiram muitos desafios para a educação, que até então não tinham a devida atenção. Os professores, tanto do ensino básico como no superior, habituados a um sistema de avaliação tradicional e classificatória, começaram a se questionar como avaliar os alunos no ensino remoto, visto que esses alunos teriam acesso a uma variedade de materiais que poderiam consultar, fugindo ao controle dos professores.

Historicamente, podemos dizer que o processo avaliativo sempre foi cercado de amarras, e que a pandemia do COVID 19 levou a uma quebra de paradigmas necessários ao que teríamos que nos adaptar por longos anos. Pimentel e Araújo (2020), apontam que o ensino remoto trouxe a necessidade de novas formas de avaliação. Neste cenário nos vemos diante da oportunidade de repensar antigos processos avaliativos, e reformular essas práticas para as atividades remotas, e quiçá as presenciais.

O trabalho apresenta a seguinte questão de pesquisa: como o processo avaliativo pode contemplar a escrita acadêmica no curso de ciências biológicas da uneb-campus viii? Tendo como objetivos: discutir a universidade pública multicampi e a importância da escrita acadêmica no processo avaliativo, bem como apresentar as dificuldades do professor como migrante tecnológico no processo avaliativo.

Este estudo trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, construído a partir de uma abordagem qualitativa, a partir dos seguintes teóricos que sustentaram as discussões nessa investigação, Gadotti (2005); Pinto, Santos e Leal (2017); Boaventura Santos (2007); Pimenta, Anastasiou e Cavallet (2003); Hoffmann (2003); Perrenoud (2002), além de outros que contribuíram para a escrita dessa pesquisa.

¹ Mestra pelo Curso de Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia - BA, josychavescosta@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas Universidade do Estado da Bahia - BA, niellenick@gmail.com.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, destacando-se os seguintes teóricos que fundamentaram as discussões da pesquisa: Gadotti (2005), com as horizontalidades das relações educacionais; Pinto, Santos e Leal (2017), falando sobre a importância da universidade multicampi; Boaventura Santos (2007), traz as vozes dos excluídos; Pimenta, Anastasiou e Cavallet (2003), com as novas configurações da sociedade contemporânea; Hoffmann (2003), abordando a avaliação e o desenvolvimento cognitivo; Luckesi (2011), com a teoria da avaliação e aprendizagem, além de outros que contribuíram para a escrita dessa pesquisa. Para análise dos dados, optou-se por utilizar a análise de conteúdo de Bardin (2016), buscando-se realizar análise interpretativa dos dados, fazendo associações com a conjectura estudada e organizando as concepções discutidas.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Gadotti (2005), toda educação é estruturada com uma variável de concepções, o que não é diferente dentro das universidades públicas que se deparam com uma rede de cursos e de movimentos dinâmicos para atender uma demanda social que sempre esteve fora do processo educacional em lugares mais distantes.

Neves (2012), aborda um contexto histórico de estruturação da universidade multicampi em meados da década de oitenta, onde emerge de uma necessidade dos movimentos sociais que sempre estiveram às margens da sociedade. E estas Universidades são consideradas as mais inclusivas. Podemos citar neste período, em 1983, o surgimento da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que é considerada a maior instituição pública de ensino superior da Bahia devido a sua multicampia, e também a mais inclusiva. A multicampia vai além de uma distribuição de departamentos dentro de um território, ela representa uma rede de oportunidades para além dos grandes centros urbanos, segundo Pinto, Santos e Leal (2017).

Pimenta, Anastasiou e Cavallet (2003), abordam as novas configurações da sociedade contemporânea e traz também a necessidade de contextualização da informação em outros formatos. É o que está sendo vivenciado em situação de excepcionalidade, onde os profissionais de ensino tiveram que acionar conhecimentos e habilidades tecnológicas que até então muitos nunca tinham tido contato. Nos deparamos com muitos impasses e resistências por conta da incompletude na formação de uma geração de profissionais oriundos de uma visão positivista, dificultando vislumbrar outras possibilidades, além do desaparecimento dos estudantes e da



própria universidade, onde estes não dispõem de computadores ou de uma internet com capacidade para suprir as demandas dessas atividades remotas.

Segundo Vaz (2008, p. 63) “não saber usar a internet em um futuro próximo será como não saber abrir um livro ou acender um fogão, não sabermos algo que nos permita viver a cidadania na sua completitude”. Fica evidenciado que o ensino remoto como afirma Saviani (2020), não deixa de ser um ensino à distância utilizando ferramentas tecnológicas comuns ao ensino EAD, e que não substitui o ensino presencial, visto que este processo necessita da interação professor/aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a necessidade de adaptação a um ensino remoto, vem à tona outro calcanhar de Aquiles da educação: Como avaliar de forma remota o processo de aprendizagem?

Segundo Hoffmann (2003), a forma tradicional de avaliação no ensino presencial tem como base um comparativo entre erros e acertos, baseados em um conteúdo livresco sem levar em conta a evolução do aluno até aquele ponto usada como sistema classificatório e excludente, desqualificando e tornando a sua experiência de vida menos importante no contexto escolar, que de acordo com Boaventura Santos (2007), o conhecimento sempre indica um caminho que impulsiona a sede do saber. E que a escola é uma importante ferramenta para impulsionar a busca por este conhecimento.

Ainda diante da fala de Hoffmann (2003, p. 23) [...] “observamos, com frequência, histórias contrárias de maus alunos que se tornam excelentes profissionais. Ou o inverso, alunos nota 10 em cursos superiores que realizam estágios profissionais medíocres.” Ou seja, a nota continua sendo uma unidade de medida do conhecimento em massa, e que, no entanto, diverge da realidade por inúmeros fatores.

Esta geração do século XXI sempre esteve pronta para usar as ferramentas tecnológicas, mas a escola e os professores não. Perrenoud (2002), diz que a escola continua no século passado. Então nos deparamos com a oportunidade de repensar a forma que a avaliação vem sendo praticada, e como podemos adaptá-la para o ensino remoto. Devemos, entretanto, pensar que:

A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Chega de confundir avaliação da aprendizagem com exames. A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, diversa dos exames, que não são amorosos,



são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam. (LUCKESI, 2000, p. 1)

Se tratarmos como avaliação e não como exame, poderíamos utilizar um leque de ferramentas inclusiva e dinâmica como Luckesi aborda, adaptando para o ensino remoto. A princípio os professores viram-se perdidos porque sempre vislumbraram a avaliação como mero exame de repetição de conteúdos, então como avaliar de forma que esses alunos tenham acesso a uma gama de informações para consulta, seja através dos livros didáticos, seja das ferramentas de busca que os sites proporcionam? Reflitamos sobre o seguinte:

Nas orientações curriculares atuais, a ruptura com o enciclopedismo e com a memorização de fatos e regras levou às competências. Nesse caso, considera-se que os saberes são recursos para compreender, julgar, antecipar, decidir e agir com discernimento. Mesmo que houvesse um grande consenso sobre essas orientações – o que não é o caso! –, nós nos depararíamos com uma dificuldade maior: é mais fácil ensinar saberes que ensinar a construir competências. Também é mais fácil ensinar e avaliar saberes de baixo nível (memorização) que os de alto nível (raciocínio). (PERRENOUD, 2002, p. 39)

Diante desta abordagem seria mais prático examinar a quantidade de conteúdos aprendidos diante de textos e livros didáticos, do que avaliar a sua compreensão e interpretações dos mesmos conteúdos. Seria a educação bancária que Paulo Freire tanto abordou.

Poderíamos ainda citar os ciclos plurianuais trabalhados por Perrenoud (2002), que não retira a necessidade de avaliar, mas libera o professor da necessidade de demonstrar que deu conta de todos os conteúdos programáticos ao final do ano, mas que avalia o crescimento gradativo do aluno. Portanto, não só com o ensino remoto, mas também com o presencial as atividades avaliativas deveriam ter como foco a produção textual, imagética, ou por fóruns de discussões que dão a oportunidade para o aluno expressar a sua compreensão, e o que o professor precisa aprofundar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se constatar, que historicamente os hiatos existentes no processo de ensino se agravaram quando nos deparamos com uma situação de pandemia do COVID 19 a nível mundial. Que as informações obtidas corroboram para a valorização da Universidade pública multicampi, seja por sua abrangência regional, como é o caso da UNEB, seja pelo seu processo de inclusão social aos indivíduos que sempre estiveram à margem da sociedade, ou pela valorização dos saberes locais.

Apesar da resistência dos profissionais em lidar com o ensino de forma remota, por outro lado ficou visível o esforço para acionarem conhecimentos e habilidades com a tecnologia, até então deixados de lado por todos. No contexto da avaliação, podemos ressaltar uma abordagem de Luckesi retratando muito bem a diferença de avaliação e de exame. Mostrando que as escolas, e também as Universidades, vêm fazendo ainda uma avaliação dos seus alunos de forma conteudista e de “educação bancária”, como afirma Paulo Freire. Onde o foco da avaliação da aprendizagem poderia ser, tanto no ensino remoto quanto no presencial, através de produções textuais, imagéticas ou por fóruns de discussões, dando oportunidade para o aluno expressar o que realmente aprendeu, e o professor ter uma visão mais clara do conteúdo a aprofundar.

Assim, recomenda-se que esse artigo possa proporcionar outros estudos, sendo uma porta de acesso para as questões levantadas aqui, por ser essa uma temática relevante para todos, e que as inquietações que envolvem a educação sempre estejam no centro dos debates.

Palavras-chave: Avaliação, Letramento acadêmico, Universidade pública.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: 70, 2016.

GADOTTI, M.; GUTIÉRREZ, F. **Educação Comunitária e Economia Popular**. São Paulo: Cortez, 2005.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da**. 20^a. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

LUCKESI, C. C. O QUE É MESMO O ATO DE AVALIAR A APRENDIZAGEM? **Pátio On line**, Porto Alegre, 2000.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, C. E. B. Ensino superior no Brasil: expansão, diversificação e inclusão. **Congresso da Associação de Estudos Latino Americanos (LASA)**, São Francisco, 2012.

OTONI, P. Presente e futuro: sete apontamento. In: TOSTE, A.; FILHO, H. M. **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. 1. ed. Bauru, SP: Canal 6, 2020. p. 171-180.

PERRENOUD, P. **As Competências para Ensinar no Século XXI: A formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Atmed, 2002.



PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. D. G. C.; CAVALLET, J. V. Docência no ensino superior: construindo caminhos. In: BARBOSA, R. L. L. **Formação de educadores Desafios e perspectiva**. São Paulo: UNESP, 2003. Cap. 16, p. 267-278.

PIMENTEL, Mariano; ARAÚJO, Renata. Aprendizagem online é em rede, colaborativa: para o aluno não ficar estudando sozinho a distância. **SBC Horizontes**, mar. 2020. ISSN 2175-9235. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/02/aprendizagem-em-rede>. Acesso em: 08 jun. 2020.

PINTO, K. M.; SANTOS, C. L. N. D.; LEAL, R. R. DA GESTÃO UNIVERSITÁRIA À CAPACITAÇÃO NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA MULTICAMPI. **XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária**, Mar del Plata, Argentina, Novembro 2017.

SANTOS, B. D. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. D. S.; MENEZES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SAVIANI, D. Desafios na educação: limites e alternativas necessárias. **You Tube**, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fM_J_PcbD5A. Acesso em: 29 maio 2020.

UNEB. UNEB. **portal uneb.br**, 2020. Disponível em: <https://portal.uneb.br/prograd/programas-especiais/#PARFOR>. Acesso em: 08 junho 2020.

VAZ, C. A. **Google Marketing: o guia definitivo do marketing digital**. São Paulo: Novatec, 2008.

ZWIEREWICZ, M.; SILVA, E. T.; PEGORARO, L.; SILVA, V. L. S. A Avaliação da Educação Básica: do ranqueamento ao ensino e aprendizagem In: **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 13, n. 26, p. 483-497, mai./ago. 2019. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>. Acesso em: 08 jun. 2022.